



Por uma cultura de paz

118. RedeUnaViva: Meditação Cristã 118 – paragem 211 – 18.12.2016

MATEUS 16:24-28; MARCOS 8:34-33-38 / 9:1; LUCAS 9:23-27

O DISCIPULATO CRISTÃO

118.1 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como entender a primeira máxima do discipulato – negar-se a si mesmo?
2. Quais são as consequências da sua realização ou do seu descuido?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como realizar o discipulato, em meditação?

118.2 Introdução: O discipulato.

Depois de Pedro ter configurado tão bem a dualidade de anjo e demônio – compartilhada conosco –, o Cristo aproveita e explicita os requisitos para ser seu discípulo. Ainda na passagem anterior, pelo tropeço na segunda pedra que materializou, Pedro foi posto no seu lugar – “vai para trás de mim, adversário”. Agora, Jesus complementa. “De todos vocês que se encontram à minha retaguarda, quem quiser me seguir tem que negar a si mesmo e tomar sua cruz”.

Este versículo sintetiza, em poucas palavras, o profundo significado do discipulato. Não parou nele, mas acrescentou outros dois para, em linguagem direta e quase contraditória, esclarecer o que é *o negar a si mesmo*. O sentido de *tomar a própria cruz* ficou embutido na frase subsequente que realça o balanço entre *preservar-e-perder* a alma. É preciso cavoucá-la para apreender o significado da cruz, já que Jesus dela cuidará, com mais especificidade, em lição vindoura.

Para melhor entender *o negar a si mesmo* carece de esmiuçar a diferença entre identidade pessoal e transpessoal, assim como a relação entre as duas, para que o posicionamento certo do aluno no processo do resgate cármico tenha base consistente.



Por uma cultura de paz

Porém, para que o aspirante seja aceito nesta escola espiritual, não há como prescindir do primeiro e fundamental elemento, o imperioso uso do livre-arbítrio. É preciso dizer: eu quero ser discípulo do Cristo.

Os dois versículos finais apontam para a chegada do reino de Deus como consequência natural que há de vir para o verdadeiro adepto, a partir do seu coração.

O conteúdo singular desta Meditação Cristã serve de preâmbulo para o magnífico presente que o Mestre oferecerá no próximo passo da sua andança, nesses tempos de retiro. Como afirmou recentemente que depois da morte física do justo, a ressurreição é certeza total, receberemos seu equivalente após esse difícil ensinamento e ainda antes do desfecho do seu ministério, como a bendita graça da Transfiguração no Tabor.

Apesar de muito parecidos os textos de Marcos, Mateus e Lucas (todos com cinco versículos), algumas diferenças analisadas com esmero trazem detalhes relevantes sobre a lição do discipulato. Vejamos o aprendizado que eles nos reservam.

118.3 Evangelho-parte 1: A síntese do discipulato do Cristo. (Mc, Mt, Lc)

Mc 8:34. E chamando a si a multidão, junto com seus discípulos disse-lhes: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me."

Mt 16:24. Jesus disse então aos seus discípulos: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me."

Luc. 9:23. Dizia, então, a todos: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia sua cruz e siga-me."

1. Estando com os discípulos, chamou a si a multidão e disse-lhes: "se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia sua cruz e siga-me".

118.4 Evangelho-parte 2: O resultado para aquele que o segue e para aquele que o rejeita. (Mt, Lc, Mc)

Mt 16:25. Porque aquele que quiser preservar sua alma, a perderá; e quem perder sua alma por minha causa, a achará.

26. Pois que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? Ou que dará o homem em troca de sua alma?



Por uma cultura de paz

Lc 9:24. Pois quem quiser preservar sua alma, a perderá; mas quem perder sua alma por amor de mim, esse a preservará.

25. De fato, que aproveita a um homem se ganhar o mundo inteiro, mas **arruinar-se ou causar dano a si mesmo**

Mc 8:36. Pois que adianta a um homem ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?

37. **E que daria um homem em troca de sua alma?**

- | | |
|---|--|
| 2. Pois quem quiser preservar sua alma, a perderá; e quem perder sua alma por amor a mim e à minha causa, a achará. | 4. O que adianta a este se para ganhar o mundo precisar arruinar-se? |
| 3. Pois o que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? | 5. O que ele conquistou do mundo de devolver-lhe a alma perdida? |

118.5 Evangelho-parte 3: O reino de Deus próximo. (Mc, Lc, Mt)

Mc 8:38. Porque **se alguém nesta geração adúltera e errada se envergonhar de mim e de minhas doutrinas, também dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na glória de seu Pai com seus santos mensageiros**".

9:1 E disse-lhes: "Em verdade em verdade vos digo que há **alguns dos aqui presentes**, os quais absolutamente **experimentarão a morte**, até que **vejam o reino de Deus já chegado em força**".

26. Porque **aquele que se envergonhar de mim e de minhas doutrinas, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória, na do Pai e na dos santos mensageiros**.

27. Mas eu vos digo verdadeiramente, há alguns dos aqui presentes que **não experimentarão a morte até que tenham visto o reino de Deus**.

27. Porque o Filho do Homem há de vir na **glória de seu Pai, com seus mensageiros, e então retribuirá a cada um segundo seu comportamento**.

28. Em verdade vos digo, que alguns dos aqui presentes **absolutamente experimentarão a morte até que o Filho do Homem venha em seu reino**.

- | | |
|---|---|
| 6. Porque se alguém desta geração adúltera se envergonhar de mim e de minhas doutrinas, também dele se envergonhará o Filho do Homem. | 8. Em verdade, em verdade, vos digo que alguns dos aqui presentes, não experimentarão a morte, antes de ver o reino de Deus em toda a sua potência. |
|---|---|

7. O Filho do Homem vindo na glória do Pai, ou os seus discípulos vindos na glória do Filho, retribuirão a cada um segundo o seu comportamento.



Por uma cultura de paz

118.1. Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Como entender a primeira máxima do discipulato – negar-se a si mesmo?

A magnificência do Cristo é percebida quando suas palavras são penetradas com o zelo devido, capaz de delas extrair a pérola contida. O resultado é brilho sem fim, lição de extrema beleza que alumia as sendas escuras da Terra.

Estamos diante de um destes tesouros. É preciso esmerar, já que de saída se pressente haver ouro na peneira do garimpo.

O primeiro requisito para ser discípulo do Cristo ressalta a função da vontade. Não há como forçar, indicar, cobrar, sugerir que alguém adira à sua escola. É escolha íntima, vindo de foro especial. Resulta de experiência singular, jamais transferível ou compartilhável. Neste particular, a única brecha que se abre é a de a pessoa ser tocada pelo comportamento do cristão. Em outros termos, pela mudança que inundou seu modo de viver, depois da decisão particular. Neste percurso, o livre-arbítrio é soberano e deve vir à frente. A consequência auspiciosa é quando a vontade bem trabalhada se transforma em fé. Em casos mais raros, a escolha genuína, em estado de excelência, traz, desde o início, a fé embutida.

Nesta passagem, a lógica irretocável do Mestre emerge da análise cuidadosa e comparada dos versículos dos três evangelistas. São *quase*iguais.

Começa assim: “se alguém **quiser** vir após mim, **negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me**”.

Querer ser seu discípulo, como quesito preliminar e imprescindível, desdobra-se em três atitudes:

- 1) negar a si mesmo;
- 2) tomar sua cruz;
- 3) e segui-lo.

Quem **não** quiser negar a si mesmo está querendo se preservar, **preservar sua alma**. E este, ao contrário, **a perderá**.

Estamos diante, de novo, da imperiosa necessidade do autoconhecimento – quem sou eu? – para sabermos o que deve ser negado e o que deve ser preservado em nós. O termo alma, oferecido pelo Cristo, permite cogitarmos sobre a essência que somos. Está posta como elemento intermediário entre o espírito e a personalidade. Vamos lá.

No espiritismo, uma das definições de alma é a do espírito encarnado. Eu a modificaria um pouco, colocando a alma como o espírito reencarnante. Isto é, aquele sujeito ao *samsara*, ao movimento de morte e renascimento (reencarnações) para



Por uma cultura de paz

realizar seu progresso espiritual. Mas por estar vinculada ao espírito, no final do processo esta alma se livrará de todos os óbices que impedem o brilho intenso da essência. Ou seja, a alma se sobrepõe totalmente ao espírito, sem haver diferenciação entre um e outro.

Quando afeita ao processo evolutivo, a alma (encarnada) fica conhecida como personalidade, que se constitui em decorrência deste tempo e circunstâncias e traz a marca da cultura e da família em que é gerada. A matriz da personalidade é a alma reencarnante, cuja essência é o espírito.

Para aquele que mergulha na carne e passa a ter o mundo material como realidade principal, a personalidade torna-se referência única para que cada um cole nela um “eu” – o eu pequeno, o eu pessoal, diferente do eu transpessoal, crístico. É a alma que o Cristo diz que alguém não quer negar, a alma como sinônimo de personalidade.

Assim, quem **não** quiser negar a si mesmo está querendo preservar seu ego-personalidade – depositário da sua alma. Não percebendo que o ego-personalidade é apenas a roupagem para que a alma vivencie as circunstâncias existenciais, privilegia o secundário em detrimento do principal. Preserva a alma como ego-personalidade e perde a alma como o espírito, nos dizeres do Cristo.

Opondo-se ao primeiro, quem **quiser** negar a si mesmo, “quiser perder sua alma”, ou seja, negar a personalidade que pareceria ser tudo – mas que é apenas a roupagem – este preservará o principal, ou seja, a alma como espírito.

Quem não nega sua personalidade, mas a coloca em primeiro plano, este vai buscar no mundo os objetos que sua personalidade pede. Tantas vezes ganhará posições no mundo, valores do mundo, objetos do mundo, porque são eles que alimentam a personalidade, esta que ele pretende sustentar e preservar.

E quando esta pessoa conquista o mundo, pergunta-se: dentro de tudo que ela adquiriu o que poderá ser utilizado para reaver sua alma? Nada deste mundo terá esta propriedade. Vai perceber que para conquistar o mundo precisou vender sua alma, arruinar sua reputação, perder a dignidade. Que tanto dano precisou provocar em si. Trocou sua alma por aquilo que seu eu pequeno exigiu? No retorno, se conseguir alcançar a doutrinas do Cristo, entenderá que precisará abrir mão de tudo isto para reaver sua alma. Mas, o apego permitirá? Talvez somente quando a ruína for total, quando o fundo do poço for realidade extrema.

Em síntese, são estes os dois tipos de pessoas da geração adúltera que habita a Terra – os que acham ser a personalidade e tudo fazem para preservá-la e os que sabem ser o espírito e não se importam de perder a personalidade. Nós fomos incluídos nesta geração adúltera. Em qual dos dois grupos nós nos colocamos?

2. Como entender a segunda máxima do discipulato – tomar sua cruz?



Por uma cultura de paz

A crucificação foi expediente corrente como pena capital aos criminosos da Palestina cristã. Foi dirigida tanto ao indivíduo, como praticada em massa. No ano 4 a.C, por ocasião da morte de Herodes, 2.000 judeus foram crucificados, e também todos que se fizeram prisioneiros pela grande rebelião deste povo em 40-52 d.C.

Fazia parte do ritual sinistro que o condenado carregasse o madeiro do próprio suplício, subjugando ao extremo sua dignidade humana.

Certamente, o Cristo no uso da sua clarividência, enquanto assenhorava dos movimentos próximos do seu destino terrestre, descobriu que não somente seria condenado e assassinado – lembremo-nos do estudo da última MC-116 (Mt 16:21) – mas que o instrumento seria o da crucificação. Estaria reservado a si o episódio deplorável imposto a tantos.

Logo, na declaração do código mínimo, ele utiliza uma imagem inteiriça. Aquele que o quisesse ter como Mestre, não bastaria aderir de coração e entendimento às suas doutrinas, mas haveria de carregar sua cruz como ele, o Cristo, literalmente, o faria.

Para quem não adentrou os meandros da espiritualidade imediata, aquela afeita aos encarnados na Terra, pode parecer estranho este estatuto do discipulato. Por que ter de passar pelo sofrimento? Por que ter de atravessar uma via-crucis? Estranha doutrina, não? Por que não nos reservou o Cristo uma agenda diferente, do tipo – faça o bem a todos, realize os seus exercícios espirituais cotidianos e no final deste processo, a felicidade será, com certeza, seu galardão? Seria mais auspicioso entrar para um caminho espiritual deste porte do que outro de natureza sacrificial. **É necessário assumir um quinhão de sofrimento nesta travessia.**

Muitos dirão não, este caminho que implica em castigo e sofrimento eu não quero. Mais, abomino tal doutrina, tal proposta. Quem são esses? São aqueles que rejeitam a felicidade futura, trocando-o por uma imediata. Enganam-se quanto à possibilidade do mundo oferece-la. Já vimos o que lhes acontecerá. Perderão contato com sua essência e se depararão com a inviabilidade de obter a felicidade neste mundo. Alguns mais céticos ou pessimistas, em particular os intelectuais materialistas, declararão a impossibilidade de se obter uma cultura de paz e benquerença disseminada pelo planeta, e apregoarão uma realidade árida para esta espécie quase animal, cuja sociedade é assegurada pelo homem lobo do próprio homem. Apontam para esta realidade, mas apenas tocam a superficialidade de suas causas. Não se dão conta da sua transitoriedade.

Uma iniciação espiritual de monta é necessária para o entendimento diverso e real. Às vezes, a chave para tal compreensão está implícita numa simples locução. Na passagem atual, a chave está contida na expressão “geração adúltera e errada”, de Marcos. Entendemo-la.

Geração adúltera diz respeito aos Espíritos decaídos. Aqueles que, figurativamente, perderam o paraíso, que escolheram um caminho diverso de



Por uma cultura de paz

evolução. Experimentaram-no e se comprometeram. Consolidaram conceitos tendo o egoísmo e o orgulho como base. Investiram na vida de ego, separada do Ser, e chafurdaram neste campo da personalidade a grandeza do espírito, confundindo ego com Ser. Valorizavam a personalidade e não na alma reencarnante. Mais ainda, desprezaram o espírito puro que habita em si. Macula-se na queda e, assim, se compromete por várias encarnações. Sedimentam padrões de comportamento calcados em princípios equivocados. Criam o carma e sofrem suas consequências. Esta, em ligeira exposição, é a causa de a dor moral e a física campearem pelo planeta, transformando sua beleza em vale de prantos.

Não há lar sem aflição, nem pessoa feliz. A não ser aquela que admitiu seu quinhão de resgate cármico a se manifestar diversamente, e se pôs a carregar sua cruz diária, como meio de se redimir dos erros, retirando-os da estrutura do seu pensar e sentir. Nesta perspectiva a cruz fica leve e o jugo suave, já que segue o Cristo. Paradoxalmente, para este a felicidade chega ainda neste tempo, como o desfecho do ensino. Passa pelo batismo de fogo. “Há alguns dos presentes que não experimentarão a morte sem que antes vivenciem o reino de Deus em si, chegado com toda a sua força”.

Por isto a compreensão de que ele veio retirar os nossos pecados é superficial. Ninguém retira o pecado de ninguém. Somente o próprio, à custa de acurada reflexão e de radical mudança de comportamento. O Cristo veio nos ensinar o caminho de subida menos íngreme para o templo. É íngreme, mas ela mostra sua face mais suave.

O Cristo não veio retirar de nós o pecado. Veio mostrar como se anda neste mundo. Na sua descida verifica-se seu amor pela humanidade porque, por necessidade própria, não precisava morar na carne deste planeta. Mas querendo dar materialidade à sua doutrina, não se furtou de descer aqui para servir de modelo na lida com as situações cotidianas. Não haveria de fazê-lo sem sofrimento. Se caminhamos em um pântano a lama úmida penetra nossa roupa. No entanto, é neste habitat que a flor de lótus germina como beleza alva e cândida. Assim fez o Cristo. Mostrou ser possível carregar a indefectível cruz sem perder o ânimo, a tolerância e o amor. Deu o exemplo, deixando claras as suas pegadas para que o discípulo verdadeiro pudesse segui-lo.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como realizar o discipulato, em meditação?

Sou eu, sim, aquele que te escolheu como divino Mestre. Fui um na multidão que escutou tuas palavras, que sorveu tuas doutrinas, que presenciou curas profundas e que te viu fazer sempre o certo. Nutrido por essa experiência, fiz a escolha. Disseste à Marta que Maria escolhera a boa parte e que esta não lhe seria tirada. Fiz a minha melhor escolha e esta não me será negada.



Por uma cultura de paz

Mas sei que de contínuo preciso negar a mim mesmo, este patético e sofredor ego, senhor de inúmeras opções infelizes. Tantas, e muitas ainda em passado recente. Ignorância é a explicação de tal procedimento. Ignorância por desconsiderar que a fartura do mundo acaba por fazer do caminhante não um peregrino da luz, mas um velho envergado por ilusões, vestindo andrajos em forma de doenças.

Por decidir não mais compactuar com este falso eu, recorro a cada noite à inspiração superior, que como meditação integra meu novo conjunto de prática.

Abro-me a analisar a pertinência de minhas ações e até mesmo a perscrutar os sentimentos que as justificam. Contento-me, algumas vezes, por me dar conta que estes sentimentos impróprios permaneceram no plano da mente.

Neste momento em que te busco em oração, preciso disciplinar minha alma reencarnante, alijando da sua estrutura egoica esses sentimentos que ainda teimam em surgir.

Como recurso desta reeducação, a cruz me é professora. Limita-me os passos, condiciona-me em horários e responsabilidades, impondo-me parcimônia. Mas, pouco com Deus é muito, e muito sem Deus é nada.

Há configurações familiares que assinto assumir, pois fazem parte do carma. Ajudo arrumar o passo de quem outrora menosprezei. Não quero resistir hoje, pois a fatura do amanhã pode embutir juros e moras.

Há cerceamentos do corpo, poucos felizmente, que devo observar e respeitar. Obrigam-me a investir no que é saudável, cultivando valores da perseverança e da regularidade.

Se na convivência estreita recebo acusações descabidas, pergunto-me se não são lembretes pertinentes me alertando para não repetir ações que ainda há pouco eram itens do meu cardápio.

Sinto-me privilegiado pela oportunidade do serviço voluntário, onde a partir da minha reforma interior, me habilito a auxiliar semelhante trabalho com os companheiros de jornada.

Não tenho pressa em largar a cruz própria desse planeta, por ter a bênção de uma escola construída em formoso jardim, e por já conseguir me nutrir a cada noite da paz que ultrapassa todo o entendimento.

Só me resta a te agradecer, Mestre da vida, a graça de ser teu discípulo, com a permissão para divulgar o teu verbo dentro da estreiteza que me é própria.

Sim, sigo-te os passos, carregando a cruz que me auxilia a negar minha personalidade.

118.6 Versículo(s) para a meditação: Marcos 8:34



Por uma cultura de paz

Mc 8:34. E chamando a si a multidão, junto com seus discípulos disse-lhes: "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 119 – paragem 212 – 25.12.16
MATEUS 17:1-9; MARCOS 9:2-8; LUCAS 9:28-36